



A Narrativa Subjetiva em “As Horas”: Uma Análise Crítica¹

Anna de Carvalho Cavalcanti²
Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este artigo trata de procedimentos objetivos e subjetivos da narrativa cinematográfica tendo como objeto de pesquisa o filme “As Horas”, do diretor Stephen Daldry. Serão analisados diversos temas abordados na trama dialogando com conceitos estruturais do cinema. Investiga-se a dinâmica da narrativa e os subjetivismos que envolvem as personagens principais do filme. Para explicar as histórias paralelas, será usada a noção de emparelhamento de Bremond (1973) e, para os procedimentos subjetivos, será utilizado Martin (1995).

PALAVRAS-CHAVE: As Horas; cinema; crítica; narrativa; subjetivismo

INTRODUÇÃO

Analisar a narrativa em “As Horas” exige perceber, em primeira instância, a ordem de publicações que sucederam, por fim, no filme. Sua história é contada como uma consequência final do romance *Mrs. Dalloway*, da escritora norte-americana Virginia Woolf, numa abordagem diferente da original e extremamente contemporânea. Assim, caso o objetivo deste artigo fosse analisar todas as subjetividades narrativas que percorrem essa história desde sua ficção original – *Mrs. Dalloway*, publicada em 1925 – não poderíamos ter a dimensão completa da complexidade dos fenômenos descritos por Virginia Woolf, retomados por Michael Cunningham – autor do livro “As Horas” – e, por fim, roteirizados por David Hare.

Assim, tendo em vista a presença da obra de Virginia Woolf ao longo da narrativa cinematográfica, serão analisadas, conforme Vernet (1994), “as relações que existem entre o enunciado e a enunciação, tal como se revelam à leitura na narrativa: só são analisáveis, portanto, em função dos traços deixados no texto narrativo” (1994,

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Comunicação Audiovisual, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º semestre do Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da UFC-CE, email: annacavalcanti@gmail.com

p.109). O estudo da narração em “As Horas” é feito a partir de uma leitura própria, através da ordem dos acontecimentos que, aos poucos, constitui a trama.

A história é contada em espaços e tempos diversos sob a forma de um jogo de montar, mas acaba entrando em um número grande de combinações que trazem à tona as semelhanças e diferenças entre as personagens principais, com uma arrumação final que fecha o ciclo exposto ao longo da narrativa.

1. A dinâmica da narrativa cinematográfica em “As Horas”

O filme “As Horas”, do diretor Stephen Daldry, tem como tema principal a vida de três mulheres, em lugares e tempos diferentes. Baseado no romance homônimo de Michael Cunningham, que acabou por ganhar o prêmio *Pulitzer*, em 1999, por essa publicação, o filme conta a história de Virginia Woolf (Nicole Kidman), Laura Brown (Julianne Moore) e Clarissa Vaughn (Meryl Streep), três vidas que estavam intimamente ligadas e relacionadas por meio do romance *Mrs. Dalloway*, escrito por Woolf, em 1925. No livro, Michael Cunningham, atraído pela idéia de juntar Virginia Woolf e sua *Mrs. Dalloway* num mesmo romance, criou ainda uma nova personagem, a dona-de-casa Laura Brown. A narrativa de “As Horas” pode ser, então, compreendida como a tradução de uma tradução: a partir do romance de Woolf, Cunningham reescreveu sua obra e, enfim, Daldry levou-a às telas do cinema.

O filme traça o perfil das três mulheres criando uma linha de semelhança muito forte entre elas, caracteristicamente marcada pela depressão, pela morte e pelo desapego. Virginia, Clarissa e Laura – a escritora, a personagem e a leitora, respectivamente – são mulheres que vivem em épocas e locais diferentes, focadas constantemente em suas similaridades ao longo da narrativa. Assim, o diretor manteve como objetivo cinematográfico cuidar para que o plano narrativo, o temático e o emotivo confluíssem em uma mesma história.

Durante todo o filme, o espectador poderá encontrar, entre a vida das três, inúmeros paralelos, que serão expostos, muitas vezes, nas entrelinhas da história, de forma bastante delicada. Então, por ser extremamente minucioso com detalhes, “As Horas” demanda uma atenção redobrada para que sejam percebidos todos os elementos narrativos que, ao longo da trama, se destacam de maneira sutil e capciosa. Tal característica faz de “As Horas” um filme denso, essencialmente dramático e intrigante. Durante seus 114 minutos, podemos perceber que diversos assuntos são tratados, três

vidas são colocadas em foco e, pouco a pouco, todos os elementos passam a se encontrar e a convergir para um só ponto, como se todas as histórias fossem uma só. Ao longo de toda a narrativa, ocorre, conforme explica Bremond (1973), uma configuração por emparalhamento, ou seja, transita-se do ponto de vista de um personagem para outro, de uma história particular para outra: “Esta possibilidade de operar uma oconversão sistemática de pontos de vista, e de formular suas regras, deve-nos permitir delimitar as esferas de ação correspondente aos diversos papéis” (BREMOND, 1973, p.113). Essa transição de pontos de vista não impede a simultaneidade dos acontecimentos ao longo da narrativa: ainda que em tempo e local diferentes, as três protagonistas surgem, na grande maioria das cenas, praticando ações semelhantes, claramente à sua maneira.

Inicialmente, durante o prólogo, Virginia Woolf encontra-se em Sussex, Londres, local onde se suicida, no ano de 1941. Em seguida, Laura Brown está em Los Angeles pós-guerra, em 1951, e Clarissa Vaughn, mais contemporânea, está na Nova Iorque de 2001. Contudo, após o prólogo, Virginia está em Richmond, ainda na Inglaterra, no ano de 1923, quando ela começa a escrever *Mrs. Dalloway*. Ao final do filme, Virginia vai estar em Sussex, tendo novamente a cena do seu suicídio mostrada. Ou seja, o filme termina como começa, característica de uma narrativa elíptica. O foco narrativo é extremamente indefinido, pois as personagens não chegam a narrar em primeira pessoa e nem existe um narrador em terceira pessoa que conta os fatos. As informações do filme são transmitidas por meio de intertítulos que identificam ao espectador o local e o tempo da história a ser narrada ou é usado o recurso de procedimento narrativo secundário, como quando descobrimos que Laura Brown está indo para um hotel por meio de uma placa de rua que é focalizada. Conforme explica Vernet (1995):

A ordem compreende as diferenças entre o desenvolvimento da narrativa e o da história: acontece, com frequência, que a ordem de apresentação dos acontecimentos dentro da narrativa não seja, por motivos de enigma suspense ou interesse dramático, aquela na qual eles supostamente deveriam se desenvolver. Trata-se, portanto, de procedimentos de anacronia entre as duas séries. (1995,p. 116).

Em “As Horas”, a seqüência de acontecimentos não é linear, ainda que faça todo o sentido da forma em que as cenas foram concatenadas na narrativa. A característica cambial é marcante pela troca constante de espaço e tempo, só sendo

possível ao espectador perceber isso por meio da identificação dos intertítulos, que são freqüentes no início do filme.

2. A história e suas personagens

“As Horas” se inicia com a cena – *um flashback* que será retomado no filme posteriormente - de Virginia Woolf saindo de casa de forma abrupta deixando uma carta para seu marido, Leonard Woolf (Stephen Dillane). Durante sua caminhada até um rio próximo, que ficava situado na cidade de Sussex, em Londres, a carta deixada é lida pelo seu marido, que se desespera ao imaginar o possível sumiço definitivo de sua esposa. Enquanto isso, o espectador pode ouvir, por meio do recurso de voz *off*, Virginia lendo, em tom plácido, a carta que escreveu para Leonard. Esse procedimento narrativo objetivo utilizado pelo diretor tem como função “fazer progredir a ação, contribuindo com um elemento dramático ou com a significação de uma atitude ou um conteúdo mental dos personagens” (MARTIN, 2003, p. 183). No caso, a carta foi lida na voz de Virginia para representar a leitura do marido dela.

Logo em seguida, quando a leitura termina, a escritora mergulha nas águas do rio e se suicida. Percebe-se que, nessa cena, em que Virginia caminha até o rio, a câmera mostra a escritora em contra-plongée, fazendo a primeira alusão à forma em que a morte é tratada no filme: como uma libertação, fruto de um ato de coragem. Ao refletir a imagem de Virginia de baixo para cima, a escritora parece "maior" no momento anterior ao seu suicídio, dando a entender que o ato a ser consumado é heróico, colocando-a numa posição de superioridade.

A relação entre tais personagens – Virginia e Leonard - será exposta, ao longo do filme, com um tom bastante afetuoso, especialmente da parte de Leonard, preocupado constantemente com a saúde da esposa, que se recuperava de uma crise de esquizofrenia. Virginia se sentia cobrada pelo marido a ter uma vida saudável, a se alimentar bem e a não fazer muitos esforços, contudo, a escritora passava o dia inteiro escrevendo e não dava muita atenção ao seu posto de dona-de-casa, sendo, inclusive, motivo de ironia entre as empregadas.

Logo após, o prólogo segue com sua função básica de apresentação das outras personagens, mostrando Laura, Clarissa e Virginia - já em outra fase da sua vida, anterior ao mostrado logo no início. Nesse momento, as três são vistas acordando em

suas camas, lavando seus rostos e arrumando seus cabelos, tudo de forma bastante semelhante, enquanto os letreiros vão passando ao som de uma intensa trilha sonora.

É possível dizer que esse é o primeiro momento que o espectador tem para perceber que o filme inteiro vai ser entremeado por sucessivos paralelos entre a vida das três, trazendo uma forte identidade entre as personagens. A ordem dessa sequência não é ocasional, pois conforme explica Vernet (1995): “a maneira de filmar uma cena orienta seu sentido” (VERNET, 1995, p. 96). Ou seja, a disposição daquela sequência no filme tinha um propósito predefinido de transmitir uma informação ao espectador.

A partir desse momento, fica cada vez mais difícil reconhecer uma única protagonista, e a tendência é que, cada vez mais, as histórias se confundam entre si, até que, enfim, elas possam se encontrar em uma só. Para que o espectador entenda a ligação entre as personagens, as cenas iniciais do filme são decisivas. Essa sequência se inicia com o momento em que Virginia, logo depois de acordar, vai até o marido e diz que já tem a primeira frase para escrever seu novo livro, *Mrs. Dalloway*, no caso. Então, a escritora sobe as escadas até seu escritório e escreve “A Senhora Dalloway disse que ela mesma iria comprar as flores”³ e, na cena seguinte, aparece Laura Brown em sua cama lendo, em voz alta, exatamente a mesma frase no livro e, em seguida, Clarissa grita “Sally, eu vou comprar as flores!”⁴. Nesse momento, fica claro para quem está assistindo o que cada uma representa para o fio condutor da história – o livro *Mrs. Dalloway*. Virginia o escreveu, em 1925, Laura o leu, em 1951, e Clarissa é a personagem, em 2001. Essa característica faz de “As Horas” um filme de época e, ao mesmo tempo, moderno, pois, apesar de o passado predominar na narrativa, ainda existe a exposição da Nova Iorque do presente, com sua mulher contemporânea, Clarissa.

Essa personagem representa para o filme uma mulher moderna e autoconfiante, mas que aos poucos vai revelando suas frustrações e ansiedades. Clarissa, como a personagem do livro de Virginia, tem apenas um dia de vida retratado, sendo mostrado em todas as suas nuances. Durante quase todo o filme, ela está organizando uma festa e está extremamente sobrecarregada com os preparativos. O objetivo principal é fazer uma homenagem ao ex-namorado e atual amigo Richard (Ed Harris), poeta e escritor, que ganhou um prêmio pelo seu mais recente livro publicado. Contudo, ao visitar Richard, Clarissa se depara com o inesperado: seu amigo não aceita a ideia da homenagem. Até os momentos finais do filme, ainda é muito nebulosa a significação de

³ “Mrs. Dalloway said she would buy the flowers herself” (tradução minha)

⁴ “Sally, I’m gonna buy the flowers!” (tradução minha)

Richard na narrativa, e muitas questões relativas a ele ficam em aberto até a grande conclusão.

Contudo, ao longo de toda a história, Richard vai representar o pessimismo e a ironia, exercendo forte influência na vida de Clarissa, que cuida dele há anos. Durante suas conversas, o escritor sempre demonstra sua vontade de morrer e chega a mencionar que está vivo só para satisfazê-la. Logo após as visitas, Clarissa encontra-se num estado depressivo e melancólico, motivo que leva Sally (Allison Janney) a adivinhar quando os dois se encontram.

A personagem de Allison Janney, que vive há dez anos em estado conjugal com Clarissa, remete à polêmica questão da homossexualidade retratada no filme. De diversas formas, “As Horas” busca aflorar a questão homossexual traçando no perfil de suas personagens características que tendiam ao inusitado, como o beijo entre duas mulheres, que ocorre com todas as três personagens principais. Primeiramente, durante uma visita da vizinha Kitty (Toni Collette), após uma longa conversa entre ambas a respeito de uma cirurgia que Kitty iria fazer na mesma tarde, as duas se beijam. Esse beijo pode ser entendido como uma forma de consolar uma a outra, pois ambas estavam em situações desgostosas. Durante essa conversa, o espectador pode notar que Laura, por estar grávida e já ter um filho, representa exatamente o que Kitty gostaria de ser, visto sua impossibilidade de gerar, por conta de um possível tumor no útero. Laura também não está satisfeita, pois sua tentativa de fazer um bolo de aniversário pro marido foi frustrada, e, ainda, Kitty ironizou sua inoperância na cozinha. Então, o que se pode perceber nessa cena é a vontade que uma tem de viver a vida da outra, trocando seus papéis, sendo Kitty uma dona-de-casa geradora de filhos e Laura uma mulher prendada e bem-casada. Contudo, o que se vê ao longo da trama é o contínuo distanciamento de Laura à realidade tradicional, pois, em cenas seguintes, a dona-de-casa irá tomar uma decisão que comprometerá o futuro de sua família.

No caso de Virginia, ela força um beijo com sua própria irmã, ao fim de uma visita dela à sua casa. O beijo é como um ato de desespero da escritora, que parece buscar afeto e refúgio em quem ela tem mais intimidade. Nesse momento, Virginia está extremamente angustiada por morar longe de Londres, onde Vanessa (Miranda Richardson), sua irmã, mora. Já Clarissa beija Sally nos últimos minutos do filme, para demonstrar a relação estável entre ambas, que tende a perdurar-se.

Richard também vivia uma situação homossexual com Louis (Jeff Daniels), que chega antecipadamente à festa de Clarissa – a lembrar a chegada também antecipada de

Vanessa à casa de Virginia – provocando uma situação desagradável para a anfitriã. Nesse momento, em que o espectador percebe a ligação entre Richard e Louis, os dois conversam sobre seus relacionamentos e sobre o passado, assuntos que trazem mais angústia para Clarissa, que já estava sugestionada pelo encontro matutino com o escritor. Esses beijos e relações representam para “As Horas” a quebra de costumes femininos, dando ao filme um tom vanguardista.

Durante a visita da irmã de Virginia à casa dela, seus sobrinhos, que acompanham Vanessa, estão brincando no jardim, quando encontram um passarinho morto. As crianças decidem fazer o enterro do pássaro e, logo após, Virginia decide ser gentil levando rosas. Essa é mais uma cena em que a morte é tratada de forma sutil, com uma conversa entre Virginia e sua sobrinha mais nova, em torno do túmulo. Em seguida, quando todos saem do local, a escritora deita sua cabeça ao lado do jazido, ficando na mesma posição em que o passarinho morto, como se estivesse querendo experimentar a mesma sensação que ele. Nessa cena, o tempo de duração é respeitado: Virginia observa com expressão lívida o pássaro como se quisesse imitá-lo, enquanto a câmera foca fixa e demoradamente sua face.

Richard também tem a mesma ligação com a morte retratada por Virginia, pois ambos sofrem de uma doença e se sentem aprisionados pela dependência que ela proporciona, tendo o suporte de Clarissa e Leonard, respectivamente. Inclusive, na hora de suas mortes – ambos se suicidam – os dois usam a mesma frase para se despedir dos seus amados: “Eu não acredito que duas pessoas possam ter sido mais felizes do que nós fomos”⁵. Para todas as personagens do filme, a morte é uma temática constante e projeta sua sombra por toda a narrativa.

A depressão atinge progressivamente as três personagens principais, que sofrem momentos de angústia durante todo o filme, sendo incompreendidas pelos que estão ao seu redor. Essa depressão é a mais clara expressão de degradação que vai ocorrendo entre Virginia, Laura e Richard – por mais que a narrativa não se detenha aos processos mentais masculinos. Essas três personagens sofrem com suas vidas e procuram alternativas para prescindir àquela situação. Virginia e Richard se suicidam, e Laura abandona sua família, deixando para trás seus dois filhos e Dan (John C. Reilly), seu marido.

A personagem de Julianne Moore, que passa a narrativa lendo o livro de Virginia, sente-se condicionada a assumir o papel de mãe e de esposa perfeita, tendo

⁵ “I don’t think that two people could be happier than we” (tradução minha)

seus anseios frustrados por uma vida de aparências. O livro, enquanto fio condutor da narrativa, está constantemente sendo lido por Laura, que se sente cada vez mais tocada por aquela leitura. Em determinado momento, sufocada pela sua situação de vida, ela decide deixar seu filho na casa de uma mulher da vizinhança para ficar um tempo sozinha, buscando refúgio num hotel. O espectador descobre essa decisão por meio de uma placa situada na estrada que é colocada em foco. Esses procedimentos narrativos utilizados no filme são assim chamados

(...) porque utilizam de forma “realista” os elementos da ação, não recorrendo a nenhum meio de expressão que atente contra a verossimilhança representativa (material ou psicológica) da imagem ou do som; em segundo lugar, porque seu objetivo principal não é exprimir o conteúdo mental de um indivíduo, mas fazer avançar a narrativa: portanto, são antes procedimentos dramáticos que psicológicos (MARTIN, 2003, p. 182).

A placa tinha por objetivo único informar ao espectador, de maneira verossímil, para onde a personagem estava se dirigindo, sem que fosse necessário usar um recurso externo à narrativa.

Enquanto Laura dirige loucamente, as cenas vão se alternando entre ela e seu filho, que está sentado, brincando na casa em que a mãe o deixou. Percebe-se que o menino está construindo uma casa com bloquinhos de madeira e está brincando com uma carrinho, que entra e sai da garagem dessa casinha. Quando termina de construir, o menino, num gesto aborrecido, estende a mão com força sobre a casa e a destrói. Esse acontecimento é significativo para a narrativa, pois representa o sentimento que o garoto tem em relação ao lar e à família, tendo em vista o esquecimento e o distanciamento de sua mãe. Enquanto isso, Laura chega no quarto do hotel, momento em que é focalizada num plongée, que a deixa bem menor em perspectiva, mostrando seu sentimento de pequenez e insignificância ante o quarto e, representativamente, ante o mundo. Logo em seguida, ela adormece e sonha que está sendo coberta pelas águas de um rio, morrendo sufocada.

Em relação à Richie (Jack Rovello), filho de Laura, seu sentimento, desde criança, era de ser um fardo para a mãe, que por vezes preferia se manter distante, dentro de suas próprias angústias. Já ao final do filme, o espectador começa a ter pistas a respeito do passado de Richard - amigo e ex-namorado de Clarrisa - que passa a se fundir com a história de Richie. Aos poucos, o diretor vai mostrando que esses dois personagens são um só. Na primeira pista, um procedimento narrativo secundário é usado: Richard está em seu apartamento vendo fotos de uma mulher vestida de noiva. O

que dá a essa cena um tom capcioso é que a mulher é Laura Brown, mãe de Richard, que, nesse ponto da narrativa, já pode ser confundido com Richie.

Outro aspecto a respeito desse personagem é que ele presenciou, ainda criança, o beijo entre Laura e sua vizinha, Kitty. Fica em suspenso se esse fato influenciou Richie a fazer suas escolhas sexuais ou não. Ao final do filme, após o suicídio de Richard, que ocorre quando Clarissa vai buscá-lo em casa, Laura, já mais velha, aparece ao chamado de Clarissa, avisando-a que seu filho havia morrido. Nesse momento, fecha-se a gestalt, e é cristalizado o fato, para o espectador, de que Richard era Richie. Ao entender a ligação entre Laura, Clarissa e Richard (Richie), é possível perceber uma relação de causa e efeito existente na trama: Richard se sentia como um fardo para a mãe, na infância, e não queria continuar sendo-o para Clarissa. Essa seria a causa de seu suicídio, que seria o efeito de toda uma infância marcada pela falta da presença materna.

Uma das frases que melhor explica a relação que envolve essas três personagens principais – Virginia, Laura e Clarissa – está na conversa de despedida entre Virginia, sua sobrinha e Vanessa. Quando questionada pela sobrinha sobre o que estava pensando, ela responde que era sobre seu livro, então Vanessa diz: “Sua tia é uma mulher de sorte, Angelica, porque ela tem duas vidas. Ela tem a vida dela e a dos livros que escreve”⁶. Nessa hora, nota-se a relação de Virginia com sua personagem, Clarissa, mostrando o envolvimento da escritora com sua criação. Essa relação também recai sobre Laura Brown, que se identifica com os escritos de Virginia e passa a ter as mesmas sensações dela e de sua protagonista. Essas semelhanças se apresentam ao longo do filme, onde surgem cenas seqüenciadas das três mulheres passando por situações semelhantes.

Enfim, no final, a grande revelação: todas as histórias se ligam, de fato, entre si. Laura, mãe de Richard, volta para o enterro do poeta e fica hospedada na casa de Clarissa, ex-amante e amiga de Richard. Ambas tinham em comum com Virginia a tendência à depressão e, portanto, identificavam-se. Na cena em que Leonard encontra Virginia na estação, ela diz: “Eu luto sozinha contra a escuridão, na mais profunda escuridão, e só eu sei o que isso significa, só eu posso entender minha condição. Você vive sob a ameaça de minha extinção. Leonard, eu também vivo sob esta ameaça”⁷. Tal

⁶ “Your aunt’s a lucky woman, Angelica, because she has two lives. She has the life she’s leading and also the book she’s righting” (tradução minha)

⁷ “I wrestle alone in the dark, in the deep dark, and that only I can know, only I can understand my own condition. You tell me that you live with the threat of my extinction. Leonard, I live with it, too” (tradução minha)

passagem, apesar de ter sido dita unicamente por Virginia, faz referência ao estado psicológico das três personagens principais e representa a solidão profunda em que viviam, sem ter com quem compartilhar as suas aflições internas.

Virginia escreveu um livro em que uma personagem, Clarissa, mostra uma falsa autoconfiança, e sua leitora, Laura, vê em sua vida essa mesma superficialidade. Três personagens em tempos diferentes e em espaços diferentes vivendo experiências iguais: essa é a história de “As Horas”.

3. Procedimentos subjetivos na narrativa

Intimamente ligados à narração, os procedimentos subjetivos em “As Horas” são freqüentes alusores à dimensão psicológica de suas personagens. De acordo com Martin (1995), esses procedimentos

buscam materializar na tela o conteúdo mental de um personagem, e o fazem infringindo a exatidão realista e a verossimilhança representativa da imagem ou do som: em outras palavras, recorrendo a um arsenal de procedimentos expressivos mais ou menos simbólicos da interioridade dos personagens (MARTIN, 2003, p. 186).

Esses recursos são fundamentais para a compreensão da turbulência psicológica vivida pelas três personagens, com maior intensificação no caso de Laura Brown, que sofria com o enclausuramento de ser dona-de-casa e com a tortura do olhar do filho.

Devido à enorme proximidade que o espectador passa a ter com as personagens ao longo da trama, conhecendo e percebendo os problemas de consciência de cada uma, podemos perceber uma demonstração da lei de verossimilhança psicológica explicada por Martin:

o primeiro plano nos habituou a um tal poder de penetração na intimidade mental dos personagens de cinema, que nos parece perfeitamente verossímil ouvir os pensamentos de um indivíduo que vemos absorvido numa meditação muda. Aqui também, portanto, um procedimento materialmente ‘não realista’ é visto como natural, desde que justificado do ponto de vista psicológico (MARTIN, 2003, p. 187).

Dessa maneira, é dada ao espectador a oportunidade de conhecer os pensamentos mais íntimos das personagens de maneira perfeitamente verossímil, pois são expressados pela ilustração visual da imaginação.

Quando Laura Brown deita-se na cama do hotel e parece dormir, ocorre o comportamento psicológico do sonho. Nele, a dona-de-casa sonha que está sendo coberta pelas águas de um rio, morrendo sufocada. Esse sonho, que parece real à primeira vista, reflete, mais uma vez, o elo entre as personagens: Laura estaria morrendo da mesma forma que Virginia, afogada nas águas.

4. Lógica dos possíveis narrativos

O filme segue a lógica narrativa do emparelhamento, pois uma série de acontecimentos não ocorre ao mesmo tempo – visto a diferença temporal e espacial das personagens -, e as histórias se configuram de maneira aparentemente independente para, aos poucos, ganharem uma unicidade. O processo de degradação das personagens é gradativo ao longo da narrativa. As três personagens principais vão, continuamente, reconhecendo em si próprias seus problemas e aflições e, assim, seus dramas vão se intensificando juntamente às frustrações.

Em “As Horas”, os conflitos que levam à contínua degradação não chegam ao melhoramento, exemplificando o que diz Bremond (1973):

Existem narrativas nas quais as infelicidades se sucedem em cascata, como se uma degradação chamasse outra. Mas, neste caso, o estado deficiente que marca o fim da primeira degradação não é o verdadeiro ponto de partida da segunda. (...) O ponto de partida da nova fase de degradação não é o estado degradado, que só pode ser melhorado, mas o estado ainda relativamente satisfatório, que só pode ser degradado (1973, p.115).

Pode-se perceber claramente em Richard e Virginia – os dois suicidas – a questão da degradação ao longo da história. Ambos se sentiam aprisionados por suas doenças e não queriam mais viver, então, passam toda a narrativa num processo de degradação. Contudo, como a decisão de morrer foi exclusivamente deles, pode surgir a dúvida se a morte seria uma degradação ou melhoramento das personagens mencionadas.

No caso, “o processo de degradação anunciado por esses diversos fatores pode desenvolver-se sem encontrar obstáculos, ou porque estes não se apresentam por si mesmos, ou porque ninguém quer ou não pode interpor-se” (BREMOND, 1973, p. 127). Então, pode-se dizer que, no caso de Richard e Virginia, por não ter existido nenhum tipo de obstáculo que barrasse o seu suicídio, ambos morreram. Como os dois partiram

por decisão própria, tal circunstância pode ser abordada como um melhoramento, conforme explica Bremond (1973):

Seu estado deficiente inicial implica a presença de um obstáculo que se opõe à realização de um estado mais satisfatório, e que é eliminado à medida que o processo de melhoramento se desenvolve. Esta eliminação do obstáculo implica por sua vez a intervenção de fatores que agem como meios contra o obstáculo e a favor do beneficiário (BREMOND, 1973, p. 117).

Entendemos, assim, o “estado mais satisfatório” como a morte, que pode ser entendida como a consequência do processo de melhoramento desejado por ambos os personagens. Para eles, a morte era vista como uma libertação das angústias que viviam e única saída para os seus problemas psicológicos. Tanto Richard quanto Virginia sofreram até o final por serem extremamente dependentes e morreram frustrados por isso. Contudo, com a morte de ambos sendo vista como algo do desejo deles, pode-se perceber que “um processo de melhoramento, chegando a seu termo, realiza um estado de equilíbrio que pode marcar o fim da narrativa” (BREMOND, 1973, p. 126). O fim se deu exatamente com o estado de equilíbrio desejado por ambos: longe das angústias existenciais, em descanso eterno.

5. Considerações Finais

O filme “As Horas” pode ser considerado uma releitura do livro de Michael Cunningham, visto que a obra foi transposta aos moldes cinematográficos. Contudo, o que se percebe na tela é uma exploração profunda dos aspectos narrativos do livro: em “As Horas”, o diretor Stephen Daldry procura concatenar as três protagonistas a todo instante, em cada mínimo detalhe.

A forma que o filme tem de lidar com histórias múltiplas é seu grande diferencial. Para trazer seu ponto em comum, o diretor busca traçar semelhanças diversas entre as personagens, fazendo uso das possibilidades quase infinitas da narrativa cinematográfica. Há, perceptivelmente, uma busca pelo que se pode ser construído através do cinema, da junção entre imagem e som.

Ao longo da trama, ao ser apresentado às diversas situações de angústia e aflição vivenciadas pelas personagens, o espectador ganha enorme proximidade com a narrativa, principalmente por conta da dimensão psicológica real representada pela



atuação das três atrizes protagonistas. Para isso, a narrativa se configura de maneira inusitada, em meio a diferentes gerações, tempos e espaços que, para que sejam percebidos pelo espectador, são concatenados de maneira extremamente verossímil, resultando numa perfeita coerência interna do conjunto da narrativa. O filme certamente provoca inquietações a quem o assiste mas, apesar de ser fortemente depressivo, enseja boas reflexões.

REFERÊNCIAS

- BREMOND, Claude. A lógica dos possíveis narrativos. In: BARTHES, Roland et al. **Análise Estrutural da narrativa: pesquisas semiológicas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973;
- MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Editora Brasiliense. 2003;
- METZ, Christian. **A significação no cinema**. São Paulo: Perspectiva, 1972;
- VERNET, Marc. Cinema e narração. In: AUMONT, Jacques et al. **A Estética do Filme**. Campinas: Papirus, 1995.